

GERTZ, RENÉ, E. (org). **Max Weber x Karl Marx**. São Paulo: Hucitec, 1994. 277p.

O Professor René Gertz agrupou, no presente livro, sete ensaios sobre a polêmica em torno de Weber e Marx em três partes assim denominadas: 'Teoria e Metodologia', 'O Capitalismo' e 'O Marxismo e Weber'. No total, a recensão de textos correlatos feita pelos diferentes autores soma 560 notas. O livro é encerrado com o texto 'O socialismo', conferência proferida por Weber para os oficiais austríacos, em 1918.

O aspecto positivo da obra mais declarado está em facilitar o acesso a fontes ainda não disponíveis em português. De destacar o longo arco temporal que separa os ensaios; o mais antigo data de 1929 e o mais recente, de 1981. Lamenta-se que o organizador não tenha preparado uma introdução mais elaborada para tentar criar um fio condutor entre textos tão distintos e pela superposição, de certa forma inevitável, que termina ocorrendo entre alguns deles. De qualquer maneira, os aspectos positivos superam os negativos em larga escala.

A sensação geral que emerge da leitura é a de que Marx e Weber parecem ter cumprido órbitas próprias que ora se aproximam ora se afastam, o que terminou propiciando condições ora para ressaltar as semelhanças ora para enfatizar as diferenças.

A polêmica que, em vida, Max Weber travou com os marxistas continua até os dias de hoje, ainda que as condições objetivas sejam qualitativamente diferentes, daí a atualidade do livro. O conjunto dos diferentes ensaios com informações bastante valiosas mostra que não se pode reduzir a polêmica a categorias simplistas e estanques.

Um de seus aspectos mais intrigantes é exatamente a relação que Weber manteve com a obra de Marx. A propósito, é fato conhecido a escassez de referências diretas a Marx. De tão raras e espalhadas, Zander disse do "profundo e permanente silêncio de Weber sobre Marx" (pp.88, 72 e 84). É provável que Weber – falecido em 1920 (Mommsen: p.173) não tenha consultado obras fundamentais de Marx porque publicadas tardiamente ("Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel", "Manuscritos Econômicos e Filosóficos", "Ideologia Alemã" completa e outros são de 1926). De outra parte, Weber, até 1906, referia-se às "interpretações marxista-vulgares da doutrina marxiana então correntes..." (Mommsen: p.148) e não diretamente às obras de Marx.

Ainda assim, Weber reconhece o vigor da obra de Marx ao dizer que os intelectuais de seu tempo não poderiam deixar de levá-la em conta (Zander: p.84). De outro modo, Weber ao citar diretamente Marx, faz referência ao caráter inconcluso de sua obra para apontar a necessidade de ser completada. Seu cuidado nesta relação é tão grande que deixa a “impressão de que Weber não pretende entrar no assunto (provavelmente porque)...tinha a consciência de que a forma racional e perfeitamente lógica da teoria marxiana era inatacável, justamente porque a partir da lógica pura é irrefutável” (Zander: p.91). A impressão que fica de poucas referências e muita especulação é que Weber reconhecia em Marx um intelectual excepcional, porém mestre em um estilo incompatível com as circunstâncias do mundo transformado de seu tempo. Segundo esta perspectiva, Weber teria se concentrado na atualidade dos movimentos intelectual e político derivados das transformações pelas quais passava a Alemanha.

Do conjunto dos ensaios deste livro não resta uma visão inequívoca de como Weber encarava Marx, porque a dose de suposições e interpretações dos ensaístas acaba sendo muito superior à apresentação de dados a respeito; ademais, a relação de Weber com Marx é ambígua, porque ambivalente é a posição de Weber frente ao capitalismo (Mommsen: p.147). Talvez por esta razão a variabilidade de julgamentos seja flagrante. Giddens (p.120) afirmou que “muitos autores manifestaram a opinião de que os escritos de Weber (...) representam uma ‘refutação’ definitiva do materialismo de Marx”; outros (consideram) que muitas coisas da sociologia de Weber ‘enquadram-se sem dificuldade no esquema marxiano’; Kocka (p.51) entende que “a confrontação (entre Weber e Marx) em certo sentido foi forçada...”; já Löwith, citado por Zander (p.80), teria visto Weber “em conluio” com o marxismo vulgar no obscurecimento do fenômeno histórico-humano da alienação.

A identificação de Weber com a obra de Nietzsche (Mommsen: pp.148, 151 e 170) pode ser um elemento importante para traduzir diferenças ontológicas em relação a Marx, mantidas em reserva.

Mesmo evitando o confronto direto com Marx, Weber, com sua obra, criou os meios para o estabelecimento do “diálogo” entre ambos. Ao translocar o foco de Marx para os marxistas, há de distinguir o diálogo de Weber com os acadêmicos marxistas do diálogo com os políticos marxistas, especialmente os vinculados ao Partido Social-Democrata da Alemanha (Zander: pp.73, 80-81, Giddens: p.121).

Resenhas

Ainda assim, é aceitável dizer que Weber e Marx aproximam-se pela abordagem de um tema comum – o capitalismo – que influencia, decisivamente, o destino humano no mundo contemporâneo (Löwith: p.18, Giddens: p.121); ademais, estão de acordo que este mesmo sistema gera uma “ordem social inumana” (Mommsen: p.153).

De outra parte, há divergências indesmentíveis como, por exemplo, a existente entre o “agir orientado por valores” e a negação da racionalidade da história, propugnados por Weber, e a “objetividade da história”, de Marx (Giddens: p.136, Mommsen: pp.151, 154); a posição de Marx em considerar o econômico como determinação última (Kocka: p.34); o “status” de “afirmação ontológica” dos tipos ideais de processos históricos em Marx (Mommsen 149). Na questão do método, em Marx, a “coisa investigada” impõe perspectivas e categorias ao investigador; em Weber, a escolha do método é exógena, ainda que admita que “o objeto exerce uma função de controle em relação à aplicação das perspectivas...” (Kocka: p.57).

Por fim, de chamar a atenção para a ausência de diálogo entre Weber e Marx em assuntos mais específicos, como são os casos de “cidades”, “burocracia”, “direito” e “agricultura” (Weiss: pp.208, 223, 225).

Mauro Márcio Oliveira
EMBRAPA-SSE